

GRAMÁTICA E TRADUÇÃO

EUGÉNIA GONZÁLEZ

(Fac. Letras da Universidade de Lisboa)

Introdução

A tradução enfrenta dificuldades gramaticais que, sem serem específicas a esta actividade, são focalizadas de uma maneira particularmente pragmática porque visam superar obstáculos que impedem verter o que está expresso numa língua natural noutra língua natural. Esta vertente pragmática da tradução está também presente nas pesquisas sobre a tradução automática, pesquisas que estão dependentes das potencialidades de uma máquina pouco sensível aos aspectos semânticos da língua, mas que a partir de algoritmos e de uma matemática processual — ou seja, caracterizada por um conjunto de regras aplicadas a uma situação determinada — consegue desenvolver algumas possibilidades de tradução ao nível da sintaxe.

A máquina não tendo a capacidade de pensar (daí a inadequada expressão "inteligência artificial"), os linguistas americanos que tinham ao seu cargo programas de investigação sobre a "mechanical translation" privilegiaram nos princípios dos anos 50 a matemática, mas sobretudo utilizaram algumas particularidades do aparelho conceptual da fonologia e da fonética, o que lhes permitiu aplicar à sintaxe as noções de distribuição e de transformação.

Nos meios científicos da época (e mais tarde também) não houve, no entanto, unanimidade sobre a metodologia que devia ser aplicada à tradução automática, pois a querer liderar a linguística tínhamos os Neogramáticos e as suas "poeiras de explicações" segundo a expressão de Troubetzkoy que hoje talvez teria falado em "partículas" ou usado uma outra expressão qualquer ligada à energia nuclear; a Universidade de Yale com L. Bloomfield e Z. S. Harris fiéis a F. Saussure e a uma visão sincrónica e estática da língua; e os linguistas do Círculo

de Praga onde se juntaram homens de peso como N.S. Troubetzkoy, R. Jakobson e A. Martinet. Estes defenderam a existência de uma fonologia diacrónica porque esta permitia explicar a evolução dos sistemas, sendo a fonologia uma fonética funcional. A aplicação deste conceito à linguagem em geral deu origem à linguística funcional que privilegia a função comunicativa da linguagem.

Quanto aos linguistas americanos, porque se interessavam pela linguagem enquanto suporte do pensamento, desenvolveram uma gramática generativa que se pode comparar, segundo N. Chomsky, a um programa para computador que comporta instruções chamadas regras, capaz de fornecer a totalidade dos enunciados gramaticais de uma língua e de analisá-los. Mas este programa nunca foi realizado na sua totalidade.

Chefe de fila da linguística funcional, A. Martinet escreveu um tratado de fonologia diacrónica chamado "Economie des changements phonétiques" no qual defendeu a ideia da existência de uma economia linguística, ou seja de um conjunto de factos relativos à produção, circulação e distribuição dos fonemas numa língua, porque, segundo este linguista, «No plano das palavras e dos signos, cada comunidade linguística encontra a cada instante um equilíbrio entre as necessidades de expressão exigidas pelas unidades mais numerosas, mais específicas e proporcionalmente mais frequentes, e a inércia natural que leva a um número mais restrito de unidades mais gerais e de emprego mais frequente.»

Este termo de "economia" é particularmente feliz porque realça a ideia de movimento, de dinâmica e de mudança, indicando que existem forças em presença que modificam a língua, primeiro ao nível da fala e depois da escrita. A análise diacrónica dos fonemas permite assim verificar mudanças radicais que implicam mudanças de natureza articulatória, tais como a simplificação de consoantes geminadas e o emudecimento de consoantes em sequências consonânticas. A. Martinet escreve a propósito do ritmo destas frequências: «a eliminação das geminadas pode necessitar de vários séculos e às vezes milénios; não começa de repente, pois as tentações de enfraquecer as geminadas só se tornam mais prementes quando cresce a frequência deste tipo articulatório, o que pode se produzir gradualmente. No entanto, quando as condições para a mutação de certos tipos articulatórios estão realizadas, pode acontecer que esta mudança seja rápida».

Estas considerações são alargadas por A. Martinet à análise do acento tónico que permite diferenciar palavras tais como "cortes e cortês", "esta e está" ou dar mais expressividade a um enunciado como é o caso em francês do acento de insistência: «impòssible/impossible» que consiste em deslocar a colocação habitual do acento.

A análise da prosódia tem-se desenvolvido nestas últimas décadas com o estudo da entoação e dos grupos rítmicos. Existem quatro processos prosódicos: a intensidade, a quantidade, a altura e a pausa. Estes processos visam facilitar a

compreensão dos enunciados, e são diferentes segundo as línguas e as tradições culturais, visto que a música e a poesia impregnaram de determinados ritmos melódicos cada língua a quando do seu surgimento. Trata-se de grupos restritos de sons e facilmente identificáveis pela sua repetição na linha melódica da poesia e da música. Constituem uma espécie de "pequena frase de Vinteuil" que para Swann, uma das personagens da obra de M. Proust, «existia latente no seu espírito ao mesmo título do que algumas outras noções sem equivalência, tais como a noção de luz, de som, de relevo, de voluptuosidade física, que constituem as ricas possessões com as quais se diversifica e se reveste o nosso domínio interior.»

Para os fonólogos, também a percepção rítmica desempenha um papel importante na identificação e na apreensão da significação do código oral. Daí o estudo por exemplo da linguagem ao nível da acústica, da psicologia perceptual, assim como o estudo dos princípios gerais de aprendizagem e formação de conceitos.

A análise dos ritmos em diversas línguas pode também ser aplicada à resolução de problemas de tradução, seja esta tradução automática ou tradução humana. Nesta análise de fenómenos ligados ao ritmo juntamos a noção de discurso à noção de fala no seu sentido saussuriano. Aqui, a actualização da língua e o acto de fonação estão interligados para poderem ser interpretados num acto de comunicação onde o destinatário e o destinador têm uma competência semelhante. Situamos-nos na esfera da comunicação, ou seja, do uso da língua, analisando a significação dos enunciados dum ponto de vista semântico e pragmático, pois a semântica analisa os significados de palavras e de frases, enquanto a pragmática se debruça sobre o que Wittgenstein chamou "os jogos de linguagem" que compreendem todos os actos de comunicação e entre os quais destacaremos: "relatar um acontecimento, inventar uma história e lê-la, traduzir de uma língua para outra língua". A noção de "jogo de linguagem" diz, portanto, respeito à finalidade da linguagem e às formas que são utilizadas para esse efeito. Ao decifrar um enunciado não só precisamos de facto de efectuar uma análise semântica, mas também uma análise pragmática do seu conteúdo. Assim, sobre o projecto que visava perguntar no outono/1998 aos Portugueses através de um referendo: «Concorda com a continuação de Portugal na Construção da União Europeia no Quadro do Tratado de Amsterdão?», várias dúvidas foram levantadas. Primeiro, houve dúvidas sobre a clareza da pergunta: não haveria duas perguntas numa só? Em segundo lugar, levantaram-se dúvidas sobre a constitucionalidade e legalidade da pergunta. Temos aqui portanto um problema de semântica (haverá ou não unidade temática na pergunta) e um problema de pragmática, ao surgirem dúvidas quanto ao facto da pergunta respeitar ou não a lei constitucional. Fora deste âmbito operacional, poder-se-ia reflectir sobre as motivações que podem levar a fazer apelo a um referendo, este sendo, segundo diversas interpretações, um instrumento que permite tornar a democracia mais ampla ou um meio para

resolver graves divergências no parlamento. Assim, a ratificação de um tratado poderá ser feita segundo as circunstâncias e as intenções através do referendo ou do parlamento.

No exemplo acima referido, a pragmática surge como uma noção que justifica ou não a existência de um enunciado — neste caso, de uma pergunta no âmbito de um referendo —, daí a sua importância numa teoria semântica alargada que tome em conta os fundamentos históricos e culturais que governam a linguagem.

Ritmo e significação:

Mas à pragmática não cabe somente analisar as condições sociais e culturais que tornam possível uma enunciação, cabe-lhe igualmente a análise de certas formas de expressão que revelam uma impregnação cultural. É o caso do ritmo, em que a pausa expressa na escrita por um ponto ou uma vírgula vai incidir no valor semântico da conjunção "mas". Estas pausas estão ligadas a hábitos culturais que se diferenciam, por exemplo em francês e em português e que devem por isso ser devidamente assinalados. Assim, em francês o "mais" precedido de um ponto implica uma mudança argumentativa com sentido positivo em relação ao que foi afirmado pela mesma pessoa anteriormente, o que não se verifica em português. Eis alguns exemplos :

(a) Parfois d'une cruelle actualité, certaines circonstances économiques ont mis à mal ces géants aux pieds fragiles. Mais à une époque où tourisme et patrimoine font bon ménage, une idée lumineuse a germé dans l'esprit de certains.

La route du feu, in Wallonie/Bruxelles, janvier 98

(b) Etant militant RPR, je trouve que l'on est très bien entre nous, RPR et Alliance ne soulève pas en moi un enthousiasme gigantesque. Mais, étant également un élu local, je rencontre un électorat découragé et décontenancé par nos petites guéguerres RPR-UDF.

Le Figaro, 26-5-98

Nos exemplos acima citados verificamos que a segunda frase que começa pela conjunção "mais" indica uma modificação positiva na argumentação em relação à frase que precede. No exemplo (a) esta mudança verifica-se na descrição de uma região mineira onde as minas fecharam, mas onde parecem ter surgido algumas alternativas a esta situação. No exemplo (b), a conjunção indica uma mudança de opinião de um líder político que depois de dizer ter uma opinião negativa sobre uma aliança entre dois partidos, expressa as razões que o podem levar a mudar de ideias e daí a encarar a aliança de uma maneira positiva.

No entanto, na escrita jornalística onde actualmente proliferam os pontos em detrimento das vírgulas, a conjunção "mais" precedida de um ponto pode

indicar uma oposição bem marcada e sem conteúdo positivo aparente. Eis um exemplo:

(c) Officiellement, la question du FIS est close. Mais en coulisses, les clans avancent leurs pions.

Le Figaro, 26-5-98

No exemplo (c), a possibilidade de surgir uma guerra civil na Argélia ou, pelo menos, de existir uma certa instabilidade política e social é um acontecimento que dificilmente se pode encarar como positivo; no entanto, talvez essa não seja a opinião do jornalista. O emprego de um ponto em vez de uma vírgula revela talvez a existência de opiniões divergentes sobre este assunto. Na tradução em português deste enunciado, o tradutor poderá optar entre um enunciado que realce as oposições existentes, e daí o perigo de haver afrontamentos, ou um enunciado que indique existir uma dinâmica que mudará a sociedade argelina. Propomos assim as seguintes traduções:

(i) Apesar da questão do FIS estar oficialmente encerrada, nos bastidores os clãs avançam os seus peões.

(ii) Oficialmente, a questão do FIS está encerrada, mas nos bastidores os clãs avançam os seus peões.

Os exemplos que precedem mostram que os valores semânticos da conjunção "mas" são os mesmos em francês e em português, mas que existem diferenças no seu emprego ao nível da construção sintáctica do enunciado que é importante analisar para interpretar correctamente os textos. No exemplo que segue, é também o ponto de vista que torna um acontecimento aparentemente negativo num acontecimento positivo:

(d) Evidemment, si, comme l'affirme un magazine américain, le secrétaire au Trésor Robert Rubin a l'intention de laisser le dollar grimper à 130 yens pour éviter un effondrement de l'économie japonaise, la communauté internationale a quelques raisons de rester très circonspecte à l'égard du Japon. Mais pour les opérateurs du marché, Hashimoto lui-même a perdu confiance dans son pays: «et derrière la chute du yen se cache la détresse du gouvernement nippon incapable de sortir le pays de la crise», commentait hier André Marini, président de la société de conseil Orient Finance.

Le Figaro - Economie, 26-5-98

No exemplo (d), a conjunção "mais" no começo da frase introduz um paradoxo no qual a queda do ien e a aflição do governo japonês são vistos de uma maneira positiva por terceiros porque possibilitam a mudança de orientação da economia japonesa de acordo com os dictames internacionais. A análise do

emprego da conjunção "mais" em francês deixa, portanto, transparecer uma organização do discurso que se situa a nível inconsciente, às vezes, mas que é partilhada por toda uma comunidade.

No caso do português, vamos a seguir analisar como a língua falada deixa transparecer certos ritmos similares ao da poesia tradicional. A métrica mais empregada na poesia portuguesa são os versos de 7, 8 e 10 sílabas que encontramos em coplas e sonetos. Mas também são frequentes os versos de 5, 6, 9 e 11 sílabas. Esta poesia, à semelhança da grega e da de outros países com uma cultura oral omnipresente, influencia os modos de narração a nível do ritmo e da própria sintaxe, pois, como é sabido, a poesia tem uma sintaxe menos rigorosa do que a prosa. No trecho de prosa que segue verificamos que, se for alinhado com uma métrica tradicional, todos os "versos" acabam por uma vírgula e/ou começam pela conjunção de coordenação "e". Verifica-se também que quase todos os "versos" podem ser acentuados na 4ª, 5ª ou 6ª sílaba, tornando-se o acento tónico um eixo rítmico. Eis o trecho seguinte :

- (e) 1 Pela expressão da cara,
 2 que é de inspirado sofrimento,
 3 e pela direcção do olhar,
 4 erguido para o alto,
 5 deve ser o Bom Ladrão,
 6 O cabelo, todo aos caracóis,
 7 é outro indício que não engana,
 8 sabendo-se que anjos
 9 e arcanjos assim o usam,
 10 e o criminoso arrependido,
 11 pelas mostras, já está no caminho
 12 de ascender ao mundo das celestiais criaturas.

O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago

Neste trecho do romance de José Saramago, a conjunção de coordenação "e" aparece para ligar dois termos com a mesma categoria gramatical e duas orações gramaticalmente idênticas: "anjos e arcanjos", "Pela expressão da cara (...) e pela expressão do olhar". Mas esta conjunção é também utilizada para passar de uma ideia a outra ideia e introduzir uma oração explicativa sem quebrar o ritmo da narração. É o que se pode verificar no "verso" 10, no qual o emprego da conjunção evita o emprego de um ponto final depois do "verso" 9 e uma quebra do ritmo na narração. Há neste trecho uma economia de meios que, sem constituir um obstáculo à apreensão do enunciado, revela no entanto uma sintaxe bastante pobre.

O emprego da conjunção "e" para introduzir uma oração explicativa ou um comentário não só se verifica em português na poesia ou numa prosa poética, mas também na prosa jornalística, daí os dois exemplos que seguem:

(f) Quanto à Mc Donald's, ligada à Coca-Cola, vai pelo mesmo caminho, e a China tornou-se no mais apetecível campo de batalha para o "fast-food" internacional.

(g) Dada a excessos, Shanghai tem uma população também especial, de trato afável, que aborda o estrangeiro de forma natural e não parecendo estar a querer esmifrar-lhe dinheiro.

Público, 24-5-98

No exemplo (f), a conjunção "e" introduz uma oração explicativa que poderia ter sido também introduzida por uma conjunção de causa (porque). O emprego da conjunção "e" deve-se a uma preferência de ordem cultural, como já foi referido anteriormente.

No exemplo (g), a conjunção "e" introduz um comentário que poderia ter sido expresso com uma oração infinitiva: "sem parecer estar a querer esmifrar-lhe dinheiro". O emprego da conjunção "e" revela quanto é importante a influência da língua falada no português escrito.

Conclusão

Os fonólogos têm estudado em muitas línguas o ritmo de cada uma delas ao nível dos sons e da harmonia vocálica, e estudaram também a prosódia onde deram uma particular atenção ao acento tónico enquanto elemento estruturante do ritmo. Os fonólogos têm-se também interessado pelo aspecto informativo do ritmo, sobretudo em poesia e no âmbito da aprendizagem das línguas, pois o ritmo desempenha a função de delimitar unidades de significação facilitando a apreensão dos enunciados.

A pragmática sendo uma noção que pretende descrever uma prática, é no seu âmbito que foi feita a análise do papel que desempenha o ritmo em certos enunciados quando são combinados com elementos sintácticos do francês e do português. Este artigo tentou assim mostrar que a pragmática — porque analisa o uso que se faz da língua —, permite um olhar diferente sobre problemas ligados à significação dos enunciados e cria em semântica novas fronteiras que ainda estão por conquistar.

A linguística contrastiva e sobretudo a tradução automática porque obriga o tradutor a encontrar uma solução *sui generis* para cada problema que se apresenta, pode estar na origem de grandes progressos ao nível do conhecimento do funcionamento da significação nas línguas naturais. E, se é verdade que este

tipo de pesquisa não se enquadra na procura duma teoria semântica geral, ela dá no entanto a esta área da linguística um novo fôlego.

Aveiro, 28 de Outubro de 1998

Notas

Tradução dos exemplos em francês.

(a) As vezes duma cruel actualidade, certas circunstâncias económicas maltrataram estes gigantes aos pés frágeis. Mas, numa época em que turismo e património combinam-se harmoniosamente, uma ideia luminosa surgiu no espírito de alguns.

(b) Sendo militante do RPR, acho que ficamos muito bem entre nós, RPR e Aliança não suscita em mim um entusiasmo gigantesco. Mas, sendo também um representante do poder local, encontro-me com um eleitorado desanimado e atarantado pelas nossas guerrinhas RPR - UDF.

(c) Evidentemente, se, como o afirma uma revista americana, o secretário do Tesouro Robert Rubin tem a intenção de deixar o dólar subir até 130 ienes para evitar o desmoronamento da economia japonesa, a comunidade internacional tem algumas razões para ficar muito circunspecta em relação ao Japão. Mas para os operadores do mercado, o próprio Hashimoto teria perdido confiança no seu país: «e atrás da queda do ien esconde-se a aflição do governo nipónico incapaz de sacar o país da crise», comentava ontem André Marini, presidente da sociedade conselho Oriente Finança.

Bibliografia

BOUTON, Ch. P. (1979): *La signification. Contribution à une linguistique de la parole*, ed Klincksieck, Paris.

LATRAVERSE, F. (1987): *La pragmatique*, Pierre Mardaga editeur, Bruxelles.

MARTINET, A. (1970): *Economie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique*, ed. A. Francke S. A. Berne, 3e édition.

NYÉKI, L. (1973): "Le rythme linguistique en français et en hongrois," *Langue Française*, Larousse,.

TAVANI, G. (1983): *Poesia e Ritmo*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa.